

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	15.º Anno — XY Volume — N.º 482	Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	86 n.º	18 n.º	9 n.º	º entrega		
Portugal (franco de porte, m. torte)	36000	16900	5950	120	II DE MAIO DE 1892	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

O theatro de D. Maria está em crise.

A sociedade artistica empresaria do theatro resolveu por unanimidade de votos entregar-o ao governo e dar por findo o seu contracto no dia 15 de junho proximo.

Este caso que não teria importancia alguma se se tratasse d'uma crise resultante de conflictos entre os societarios, ou d'uma desistencia motivada por interesses particulares dos associados em disolverem o seu contracto, tem muita desde o momento em que a resolução da sociedade empresaria do primeiro theatro do nosso paiz, foi provocada pelo desanimo que d'ella se apossou ao ver deserto o seu theatro, pouco concorridos os seus espectaculos, exactamente no momento em que esses espectaculos mereciam o applauso entusiastico e unanime de toda a imprensa e o applauso ruidoso das pessoas que a elles assistem.

E é por este motivo que a crise do theatro de D. Maria se impõe á attenção de todos que se importam com a arte nacional, é por isso que todos os jornaes tem dedicado ao assumpto largos artigos, é por isso que aos homens illustres que estão dirigindo os destinos do nosso paiz, cabe o dever de olhar muito seriamente e muito attentamente para esta crise, que não é simplesmente a crise d'uma casa de espectaculos, mas sim o primeiro symptoma alarmante da crise gravissima porque estão passando todos os theatros portuguezes, porque está passando uma das classes mais numerosas e não decerto das menos illustres, a classe dos actores dramaticos, crise que ameaça assustadoramente a arte dramatica nacional, com certeza a que mais brilho e lustre tem dado ás bellas artes portuguezas, já no paiz, já fóra d'elle, no Brazil e em Hespanha.

A doença de que mor-

re a actual sociedade empresaria do theatro de D. Maria é doença epidemica em todos os theatros de Lisboa, a todos tem mais ou menos definhado e evidentemente acabará por matar todos elles se o governo não accudir a tempo ao mal com o remedio energetico e prompto que elle requer.

O theatro de D. Maria tem actualmente em scena uma peça magnifica, uma verdadeira obra prima e primorosamente representada, uma peça cujo auctor é uma das individualidades mais illustres, mais sympathicas e mais justamente queridas do nosso mundo litterario: a *Madrugada* de Fernando Caldeira; o publico que vai ao theatro faz todas as noites á peça ovações ruidosas e sae de lá positivamente encantado com a deliciosa comedia, a critica disse da peça maravilhas, e apesar de tudo isto a concorrência é diminuta, desanimadora.

O theatro do Gymnasio deu ha noites uma peça nova, estreia brilhantissima d'um talento dos mais brilhantes que tem apparecido ultimamente no theatro portuguez, a *Filha do Regedor*, do sr. Campos Junior; essa peça é representada excelentemente por toda a troupe do Gymnasio e excepcionalmente bem pelo Valle, e apesar d'isso, a peça que agrada muito a todos que a veem, á qual toda a imprensa tem feito justos elogios, raras vezes faz casa cheia.

O theatro da Trindade, que era um dos theatros mais concorridos e felizes de Lisboa, apresentou ha noites uma *operetta* de Audran que em Paris fez grande successo, *O Tio Celestino*.

Na primeira noite, apesar da peça ser nova e ter um nome celebre, a casa não encheu. Agradou muito, e tanto que no fim da peça o publico chama-

mou os traductores ao palco; e depois tem agradado sempre muito todas as noites que se representa, mas apesar de todo esse agrado, as enchentes estão muito longe de se contar pelas representações.

O theatro do Principe Real, que tem um publico seu, um publico especial e que nos outros annos costumava estar cheio todos as noites agora viu-se forçado a baixar 50 por cento nos seus preços e ainda assim não enche.

Como se vê a doença é geral e n'este mez de maio, que costumava ser um dos bons mezes de theatro, e tanto assim que algumas empresas que tinham só as escripturas dos seus artistas até ao fim de maio as fizeram este anno até 15 de junho, n'este mez de maio, diziamos, tem-se repetido varias vezes um facto rarissimo em Lisboa na epocha theatral, haver noites sem espectaculo em nenhum theatro portuguez.

O que quer dizer isto?

Quer dizer visivelmente que ha um notavel e manifesto desvio na corrente do publico, que d'antes frequentava os theatros portuguezes e que, se a muitos não dava enchentes todas as noites a todos enchia á cunha nos domingos e dias santos, o que este anno não acontece nem mesmo no proprio domingo de Paschoa, cuja enchente era de ha muito tradicional nos costumes theatraes.

Não me parece necessaria uma grande perspicacia para ver d'onde



FERNANDO CALDEIRA, AUCTOR DA «MADRUGADA»

(Segundo uma photographia de M. La Cuadra)

vem esse mal, nem profundo estudo para lhe encontrar remedio efficaz.

O mal previmol-o nós ha muito tempo, n'uma d'estas chronicas, o mal está evidentemente na concorrência perigosa, que aos artistas portuguezes e á arte portugueza, fazem as companhias estrangeiras que para aqui vem representar no inverno e desviar o publico dos nossos theatros.

E dá-se com isto um facto curioso, é que essas companhias fazem muito mal ás companhias portuguezas sem fazerem bem a ellas proprias: não se enriquecem e empobrecem nos a nós. Como as suas despesas são grandes, a concorrência que tem não chega para lhes fazer face, e então baixam os preços, com o que geralmente não augmentam muito as suas receitas mas augmentam consideravelmente essa concorrência, que espalhada pelos theatros portuguezes lhes daria a animação e a vida que elles tinham antes d'esse funcionamento: quotidiano de dois Colyseus enormes ao pé das suas portas.

O mal é este: o remedio parece-nos facil, é uma pauta proteccionista para a nossa arte como a ha para o nosso commercio e para a nossa industria, se por acaso o nosso governo mais tímido que os governos de outras nações mais adiantadas que a nossa, hesitar em cortar o mal pela raiz, com uma pennada, prohibindo durante certos mezes em Portugal os espectaculos publicos de companhias estrangeiras.

Se o governo hesita ante essa medida proteccionista faça ao menos em favor da arte dramatica portugueza o mesmo que faz em favor dos nossos artefactos das nossas manufacturas: imponha ás companhias estrangeiras que quizerem vir concorrer com as nossas, no nosso mercado, em nossa casa uns direitos importantes, direitos que lhes tire a vontade de vir prejudicar os nossos artistas e a nossa arte, e que se apezar d'isso vierem, deixem então ao estado sommas valiosas com que lhe permita sanar até certo ponto os prejuizos pecuniarios que fizerem aos artistas portuguezes.

Um dos argumentos, creio mesmo que o unico, com que se pretende combater esse imposto é o da vontade do publico.

Se o publico prefere companhias estrangeiras ás companhias nacionaes, está no seu direito, dizem nos. Está, d'accordo, mas os governos e as classes dirigentes tem o dever e o direito de guiar e de dirigir o gosto do publico, e alem d'isso, tambem toda a gente está no seu direito de proferir panno inglez ao panno da Covilhã, e pode fazer a sua vontade é claro, mas com uma condição: — a de pagar por um metro de panno inglez o dobro ou o triplo que paga pelo metro de panno da Covilhã, porque o lojista que lhe fornece esse panno tem que pagar por elle os direitos pesadissimos que o governo lhe impoz.

E dar-se-ia o mesmo caso. Havendo um pesado imposto sobre as companhias estrangeiras ellas poderiam vir cá da mesma maneira, é evidente, mas teriam de elevar muito os seus preços e então o publico que escolhesse.

Depois podia mesmo transigir-se um bocadinho com esse gosto do publico, com essa tal liberdade de commercio theatral: era dividir a contenda ao meio: prohibir ou impôr grandes direitos a companhias estrangeiras durante uns certos mezes do anno, durante a epoca theatral por exemplo, e deixar-lhes completa liberdade de virem cá durante os mezes de verão, junho a setembro por exemplo, sem pagarem imposto algum.

Toda a imprensa tem agora levantado esta questão, e estamos certos que o governo olhará para ella seriamente e urgentemente, pois é uma questão de justiça e de patriotismo.

Na Academia Real das Sciencias houve na noite de sexta feira uma conferencia notabilissima que chamou a attenção de todos os homens de letras e valeu mais uma brilhante ovação a um dos nossos mais gloriosos litteratos, a—Pinheiro Chagas.

A conferencia de Pinheiro Chagas versou sobre Christovão Colombo e a descoberta da America, e durante cêrca de uma hora a palavra prestigiosa de Pinheiro Chagas e o seu extraordinario talento tiveram encantado e subjugado um auditorio dos mais illustres e que era presidido por sua magestade El-Rei.

Pinheiro Chagas começou por se congratular com o facto de Portugal se fazer representar nas festas do centenario Colombino, por que essas festas são essencialmente portuguezas porque foi Portugal que educou o espirito do grande genovez, e porque a descoberta da America brilhará nos annos refulgentes dos descobrimentos por-

tuguezes se não fosse a hesitação de D. João II, que o illustre orador verberou eloquentemente, e depois de fazer a apologia do infante D. Henrique de descrever a largos traços a vida de Colombo, a sua original individualidade, o seu gigantesco trabalho, depois de refutar a pretensão de que portuguezes já tivessem chegado á America antes do celebre genovez, terminou dizendo que se o infante D. Henrique fosse vivo n'esse tempo a descoberta da America seria obra de portuguezes, que Colombo deve a Portugal a sua gloria, deveh-tudo, menos a inspiração que lhe deu a Providencia e a confiança que recebeu de Hespanha.

Pinheiro Chagas foi coberto de applausos ao terminar a sua extraordinaria conferencia, e muito complimentado por todos os academicos que assistiram a >essão, sendo dos mais calorosos a felicital-o Sua Magestade El Rei D. Carlos.

Terminou o praso para a adjudicação do theatro de S. Carlos e não appareceu nenhum concorrente ao theatro, apesar da enorme lista de concorrentes que quando o edital se publicou no *Diario do Governo* annunciaram varios jornaes.

Diz-se que brevemente apparecerá novo edital, modificando as condições, isto é, pondo simplesmente o theatro a concurso sem condições de companhia e tambem sem auxilio algum do governo, o que nas circumstancias actuaes do theatro nos parece ser o mais logico.

Veremos e é possível que então surjam alguns concorrentes á adjudicação, sendo o theatro dado assim de pulso livre, podendo ser explorado sem imposição de genero e de numero de recitas.

A' ultima hora sabemos que rebentou em Lisboa uma *grève* de cocheiros e conductores dos americanos.

O motivo da *grève* segundo se diz, é não se quererem sujeitar os grévistas á alteração que a companhia quer fazer nos seus salarios passando a dar-lhes em vez de tanto por dia tanto por hora de trabalho.

Apesar da *grève* os carros funcionaram todo o dia com cocheiros e conductores novos, e em muitos d'elles servindo de conductores os revisores, e de cocheiros os antigos sotas, cada qual com o seu fato diverso, o que divertiu muito, pela novidade e pittoresco do caso, o publico habituado aos uniformes da companhia, e que fez juntar muita gente nas estações dos americanos a observar o caso e a commentar a *grève*.

Em Coimbra houve tambem uma *grève*, uma parede de estudantes, mas essa foi já muito mais grave nas suas consequencias, pois importou o encerramento da Universidade o que representa pelo menos a perda d'um anno para os academicos, o que é serio, e o que fará com certeza com que o governo pense bem no caso, e estude bem a questão, a ver de que lado está a razão, devendo seguramente tomar em conta, em qualquer das hypotheses, o que no fundo ha de boa camaradagem, de digno e de brioso, n'esses rapazes que julgando ver offendido injustamente um collega seu, tomaram a peito a sua causa sem pensarem nos transornos que d'ahi lhes pudessem advir.

Estamos certos de que o governo saberá manter o principio da auctoridade, mas sem crueldades inuteis, tomando em conta o que ha de sympathico, de nobre e de alevanteado no motivo do procedimento dos academicos, e que inquirirá do caso com toda a imparcialidade e benignidade fazendo justiça ampla a quem ella couber.

Gervasio Lobato.

## FERNANDO CALDEIRA

Os poetas são como as mulheres; nunca se lhes pergunta a idade; as mulheres teem a idade que parecem, os poetas teem a idade que transparece nos seus versos.

É a ser assim Fernando Caldeira a julgar pela frescura juvenil da sua inspiração, pela graça delicadissima do seu talento, pelo encanto fascinante dos seus versos, está ainda em plena mocidade, n'essa mocidade da alma que valle mais do que todas as mocidades, n'essa primavera perenne dos

espiritos bons e dos talentos sadios e fortes, que é a delicia, a alegria e felicidade de todos que com elles vivem!

Eu não sei quantos annos tem Fernando Caldeira. Conheço-o ha muitos e de dia para dia me parece mais novo pela jovialidade do seu espirito, muito mais novo hoje, na *Madrugada* que ha 16 annos no *Sapatinho de setim*.

Conheço-o ha muitos annos, o que não quer dizer que ha muitos annos seja amigo d'elle.

A nossa amizade nasceu do odio, porque antes de sermos os melhores amigos d'este mundo, odiavamos-nos ambos como dois bons inimigos irreconciliaveis.

Eu não o podia ver a elle, elle não me podia ver a mim.

Porque?

Historias de mulheres, ora ahí está, como se dizia na *Gran Duqueza*. E o caso repetiu-se logo duas vezes a seguir e duas vezes nos achámos rivais um em frente do outro.

Não nos fallavamos, mas devoravamos-nos com os olhares Um bello dia fomos apresentados.

Apertámo-nos as mãos com visível má vontade mas d'ali a pouco abraçavamos-nos com vontade boa a valer.

O odio desapareceu como que por encanto e entre nós começou uma amizade sincera, intima, que em mim augmentou dia a dia á proporção que ia conhecendo todos os thesouros d'aquelle caracter honradissimo, todos os primores d'aquelle espirito delicadissimo, todas as maravilhas d'aquelle talento verdadeiramente superior.

Porque Fernando Caldeira é ao mesmo tempo um grande talento, uma grande alma, e um grande caracter; um d'estes brilhantes artistas que se admiram de longe e se adoram ao pé, em quem todos os dotes mais altos do espirito são realçados pelas qualidades mais elevadas de coração.

Fernando Caldeira descende d'uma familia illustre da Beira a familia dos condes da Borralha e formou-se aos 20 annos, em direito, na Universidade de Coimbra.

Temperamento profundamente artistico educado primorosamente, vivendo nos ocios da provincia, Fernando começou cultivando como amator, como curioso, todas as bellas artes, a pintura, a musica, a poesia, e foi por ahí fóra até á mais feia das feias artes, até á politica.

Apezar de poeta o demonio da provincia lembrou-se um dia de o fazer influente politico da localidade e do mesmo modo que na pintura chegou a ser um pintor apreciavel, na musica um maestro distincto, na poesia um grande poeta, Fernando chegou a ser na politica um potentado d'aldeia, um influente eleitoral de primeira ordem, senhor de todas as tricas d'uma eleição como hoje está senhor de todos os effeitos d'uma peça, e caminhando ali, como aqui, sempre seguro para o successo.

Como não podia deixar de ser, dado o seu feitio, o seu temperamento, o seu genio, Fernando Caldeira aborreceu-se rapidamente da politica.

Feito governador civil de Aveiro, pelo sr. Dias Ferreira, Fernando Caldeira filiou-se no partido constituinte e constituinte ficou toda a sua vida, mesmo depois do partido se desmanchar, o que tinha a vantagem, como elle proprio contava, de quando se encontrava com o sr. Dias Ferreira em qualquer parte, n'uma sala, n'uma rua, n'um coupé, estar logo ali reunida a assembleia geral do seu partido.

Deputado em duas legislaturas, Fernando Caldeira nunca pensou em fazer politica a valer, e ha um par de annos nomeado chefe dos redactores da camara dos pares, tem desempenhado esse logar com a elevação propria da sua alta intelligencia, mas com um zelo e uma dedicação perfeitamente inverosimeis n'um poeta, não faltando uma só vez ao serviço, o que é mais do que inverosimil, o que chega a ser phantastico, da parte d'um funcionario publico.

Politico, pintor, musico, poeta e auctor dramatico, foi finalmente n'este ultimo genero que Fernando Caldeira assentou mais definitivamente a sua poderosa individualidade.

Foi em 1876 que elle fez a sua estreia em theatro.

Em casa do illustre conde da Ribeira Grande projectava-se uma recita dramatica e Fernando escreveu para essa recita a sua primeira comedia, o *Sapatinho de Setim*, tres delicados e engraçadissimos actos em prosa, que tiveram nas salas do conde da Ribeira um successo enorme.

Nesse anno vieram a Lisboa Lucinda Simões e Furtado Coelho, que havia muitos annos andavam ausentes: lá pelo Brazil. Formaram companhia e

deram uma serie de representações no velho theatro das Variedades, que foi uma serie ininterrupta de ovações a Lucinda, primorosa, extraordinaria na *Dalila*, no *Demi-Monde*, na *Estatua de Carne*, nos *Intimos*, na *Vida d'um rapaz pobre*.

Fernando Caldeira conheceu muito Lucinda e Furtado e deu-lhes a sua comedia, e o *Sapatinho de Setim* teve nas Variedades um verdadeiro successo, uma estreia digna do homem que mais tarde havia de assignar a *Madrugada*.

A sua segunda peça foi a *Varina*, drama em 5 actos que se representou com brilhante exito no theatro de D. Maria no beneficio da actriz Virginia, e que depois fez notavel carreira no Porto, no Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Seguiram-se-lhe os *Missionarios*, drama em 5 actos dos quaes os primeiros agradaram muito; a *Sara*, 4 actos acompanhados por uma farça original n'um acto *Flô-Flô*, escripta para o actor Joaquim d'Almeida, peças que agradaram em D. Maria mas tiveram pequena carreira.

Depois veio o primeiro grande triumpho a valer de Fernando Caldeira no theatro, a *Mantilha de Renda*, comedia em 2 actos, em verso que ficará como uma das mais delicadas peças do theatro portuguez contemporaneo; depois a *Chilena*, comedia em 4 actos que não fez carreira grande, e finalmente as *Nadadoras*, outros dois formosos actos em verso que fazem o *pendant* delicioso da *Mantilha de Renda*.

Além d'estas peças o nome de Fernando Caldeira firma um monologo engraçadissimo, a *Congressista* que foi feito por Lucinda Simões, e a imitação em verso do monologo a *Mosca*, monologo recitado por Brazão, que ficou celebre entre os bons monologos e no qual se dá a circumstancia curiosa de ser muito melhor na imitação do que no original francez.

Agora Fernando Caldeira acaba de enriquecer a litteratura dramatica portugueza com essa obra prima que se chama a *Madrugada*, comedia em 4 actos em verso, em scena no theatro de D. Maria e a que nos referimos longamente na nossa chronica do ultimo numero do OCCIDENTE.

N'essa peça Fernando Caldeira além de ser o auctor foi tambem o ensaiador, foi o maestro que compoz a canção que se canta no 4.º acto e é até o *guitarrista* que lá dentro acompanha n'esse acto os descantes á guitarra, mercê das suas extraordinarias aptidões artisticas a que já nos referimos.

E n'esta lista de peças faltou uma, em que Fernando sahio do seu genero habitual, a alta comedia, para os dominios da farça, em que deixou o theatro de D. Maria pelo do Gymnasio, e em que com o poder da sua *verve* inexgotavel e da sua boa graça portugueza alcançou um ruidoso successo, tanto em Portugal como no Brazil *As Medicas*, em que teve por collaborador obscuro um dos seus mais dedicados amigos e dos seus mais entusiasticos admiradores.

E o talento de Fernando Caldeira mostra-se na *Madrugada* tão poderoso, tão robusto, tão cheio de brilho, de seiva e de pujança que nós não terminamos aqui a sua biographia e apenas a fechamos provisoriamente com um *continuar-se-ha*, ficando á espera das suas novas peças para aqui registarmos os seus novos triumphos.

Gervasio Lobato.

## A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES DO GREMIO ARTISTICO

(Continuado do n.º 481)

Uma grande parte dos quadros de figura da exposição são pintados pelo sr. Malhoa, um artista muito trabalhador, que se desforrou de só ter o anno passado exposto quatro trabalhos apresentando d'esta vez nada menos de quatorze, alguns muito grandes e quasi todos de dimensões mais do que medianas.

São elles, além do *Marquez de Pombal*, dois retratos, dois estudos de figura, cinco paisagens com figura, dois estudos de animaes e duas paisagens.

Um dos retratos é o de El-Rei D. Carlos, feito para o tribunal de contas, muito parecido e em que ha as qualidades de execução do auctor do *Marquez de Pombal*; em especial a parte superior da cabeça é superiormente tratada.

O outro, que representa o principe da Beira, está por concluir, o que me surpreendeu bastante, pois que o jury (o mesmo do anno passado com differença de um dos seus membros) regeitou na primeira exposição trabalhos por estarem n'essas condições.

Dos outros trabalhos do artista são mais nota-

veis o *Gritando ao rebanho*, que lembra muito a *Caça aos taralhões* exposta o anno passado pelo sr. Pinto, e que, á parte o primeiro plano, é excellente; o *Almoço para o pae*, feito na sua ultima maneira, de toque esmiuçado e aspecto um tanto vaporoso, em que o pequeno tem um pé mal desenhado, mas excellente de perspectiva aerea e bonito na sua tonalidade molle e delicada; a *Rega dos alfobres*, tambem de aspecto muito agradável e que, assim como o *Crepusculo*, tira o seu effeito do contraste da luz e da sombra, muito predilecto do artista; uma cabeça de burro lanzado, *Pensando no caso* philosophicamente; e finalmente *As aboboras*, que já figurou na exposição do Grupo de Leão em 1889, e curioso como motivo de comparação entre as diversas maneiras do artista.

Porque nenhum dos nossos artistas tem variado tanto na maneira de pintar como o sr. Malhoa. Ao contrario de outros artistas que chegam a ser monotonos e massadores para não sahirem de uma maneira sua, especial, differente da de todos os mais, especie de etiqueta com que marcam os seus trabalhos, o sr. Malhoa parece antes ter a peito mostrar que é capaz de pintar como qualquer outro, procurar constantemente novas maneiras e novos processos, mostrando um espirito mais curioso do que profundo, facilmente impressionavel mas pouco constante.

Assim, as figuras do *Marquez de Pombal*, do *Almoço para o pae*, da *Ultima gota*, do *Gritando ao rebanho*, da *Rega dos alfobres* e do *Retrato de madame Caupers*; assim como as maneiras de interpretar a paisagem nas *Aboboras*, nos *Castanheiros em dezembro* e n'alguns d'aquelles teem entre si differenças bastante salientes para que esses quadros pudessem ser attribuidos a differentes artistas, comquanto haja entre elles um certo parentesco, que, talvez *malgré lui*, não pode deixar de lhe imprimir o talento do artista, e que, apesar da sua volubildade, faz distinguir os seus quadros entre quaesquer outros.

Ao que acabo de dizer fazem excepção as *Primeiras tentativas* e o *Gritando ao rebanho*, que varias pessoas attribuiram ao sr. Pinto, tanto elles se parecem com a *Caça aos taralhões* e com os dois quadros agora expostos por este artista, *A caça aos grilos* e *Adormecido*. Todos elles teem a mesma paisagem de um verde escuro, a mesma luz mais ou menos vaga e crepuscular, as mesmas figuras ao centro, no primeiro plano, ora um ora dois pequenos.

Por isso o publico, que o anno passado soltou um brado unanime de admiração perante a *Caça aos taralhões*, este anno ficou bastante frio deante dos quadros enviados pelo sr. Pinto, — e tambem dos dois do sr. Malhoa.

E' que são variações de mais ao mesmo thema. Ainda se fossem do mesmo artista, mas de dois! O caso fez-lhe especie...

No entrante em ambos os novos quadros do sr. Pinto ha as mesmas qualidades de composição e factura da famosa *Caça aos taralhões*.

Na *Caça aos grilos* os dois petizes são bem estudados; especialmente a attitude do que está de costas, com as calças rachadas ao fundo das ditas, é muito natural e bem apanhada, todo attento para a toca, d'onde o outro com uma palha está a fazer sahir o bicho. O primeiro plano é excellentemente tratado; na parte superior, porém, ha falta de ar e o garoto das calças rachadas tem a mão direita mal desenhada.

No outro o rapaz, que dorme n'uma posição bem pouco natural (de resto no meu tempo os garotos brincavam de dia e dormiam de noite), está bem pintado; o rosto, em especial, é notavelmente modelado. E a paisagem é tambem superior á do primeiro; a perspectiva aerea é mais bem observada e o lado esquerdo é especialmente muito bonito de côr, de um verde fresco e justo de tom.

Um quadro que tambem enganou algumas pessoas (a mim, por exemplo), que á primeira vista o attribuiram ao sr. Malhoa, tanto elle fez lembrar alguns trabalhos d'este senhor, foi o *Estudo da sr.ª D. Emilia Santos Braga*, representando uma senhora decotada e que se via logo á entrada da primeira sala.

A parecença era, de resto, natural pois que aquella senhora, segundo diz o catalogo, é discipula do sr. Malhoa, não sendo pois de admirar que ella siga a maneira do mestre.

Aquella trabalho, muito superior aos outros apresentados pela mesma senhora, é uma estreia brilhante, que honra o mestre e a discipula, e revela um incontestavel temperamento de artista.

Na mesma sala figuram tambem muito honrosamente para o Gremio e para a auctora os dois quadros que a rainha Senhora D. Amelia enviou este anno á exposição.

N'elles se vê mais uma prova de que Sua Magestade não é uma simples amadora, como já tinham demonstrado os seus quadros da primeira exposição; é uma verdadeira artista, em cuja execução se vê ainda uma certa inexperiencia, mas em que se adivinha a boa vontade de fazer bem e justo.

Na sua *Ovarina* ha correcção de desenho, mas uma certa dureza nas roupas, principalmente no avental. Mas as duas *Cabeças* são pintadas com muita frescura e excellentes de expressão; e marcam um progresso muito apreciavel sobre os seus trabalhos do anno passado.

Do sr. Condeixa ha tambem na primeira sala uma magnifica *Cabeça de estudo* e duas paisagens excellentes, a *Ribeira de Alcantara em Campolide*, de uma bella atmosphaera do poente, e a *Estrada de Campolide*, um bom aspecto de inverno; com as suas arvores de um tom amarellado, quasi despidas de folhagem, com muito ar, magnifica de execução.

A notar ainda na mesma sala um quadro de natureza morta do sr. Marques Guimarães, um dos melhores trabalhos que em Lisboa tem exposto este distincto artista e um dos bons trabalhos da exposição.

Outro trabalho tambem muito notavel d'essa sala é o *Interior d'atelier* do sr. Arthur Mello, um trabalho extremamente notavel, cheio de qualidades de observação e factura.

Exceptuando o modelo, de um tom muito vermelho, a figura do fundo, cuja posição é contrafeita, e a estatua, que não dá bem a illusão do marmore, tudo o mais é magnificamente tratado n'esse quadro, que mostra já um artista senhor de si, sabendo ver e executar.

São tambem muito dignos de menção o *Retrato de Madame Vieira de Mello*, excellente de modelado, e a pequena *Italiana*, sentada com a sua rabeca no regaço e um ar serio de modelo, bem pintada e muito bonita de côr.

Mas onde melhor se patenteia a individualidade e as bellas faculdades do sr. Arthur Mello é nos tres quadrinhos de figura expostos na 3.ª e 4.ª sala, em que elle se atira corajosamente aos estudos de ar livre, com um resultado muito lisonjeiro.

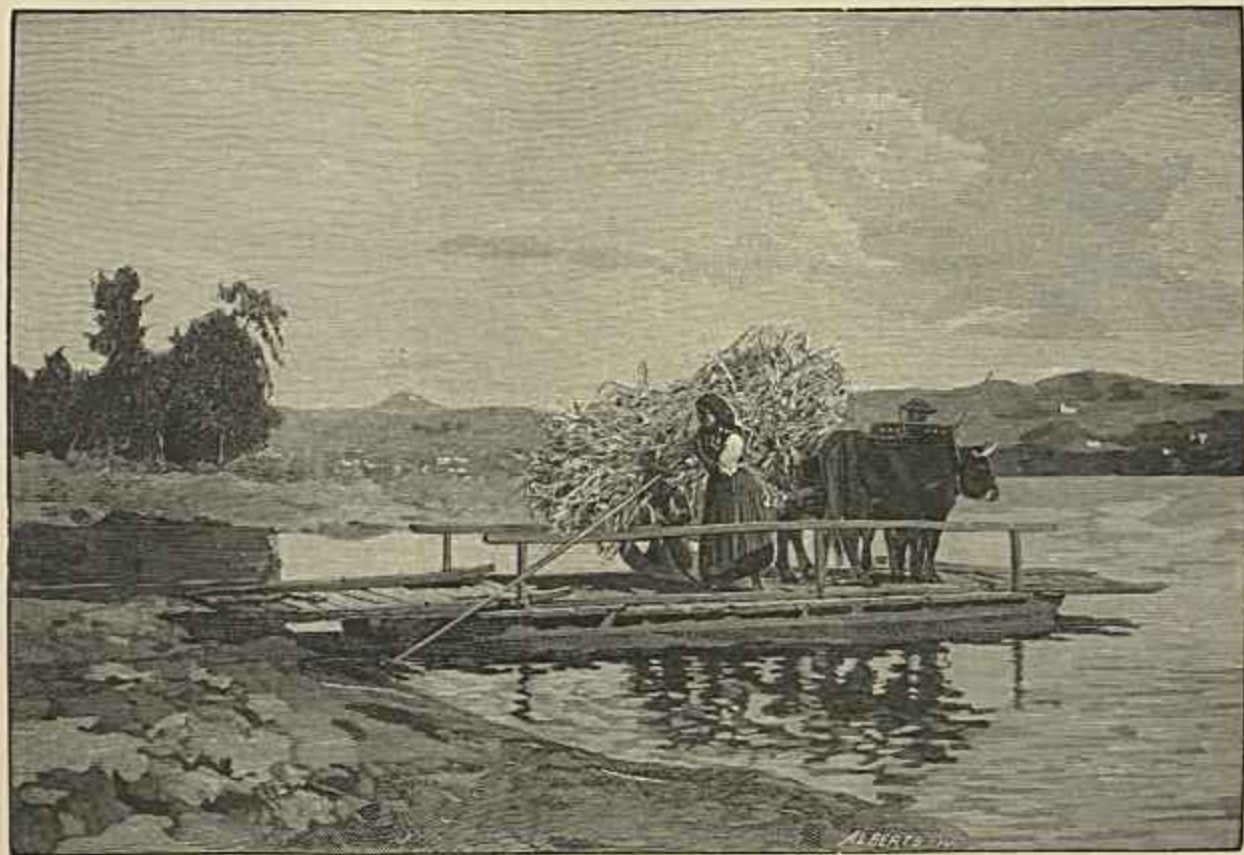
O intitulado *Pensativa*, que representa uma rapariga sentada junto á grade de uma varanda, bastante prejudicado pelo fundo — uns telhados amarellos (!) — e pela mão direita da figura, muito desgraciosa, é no entanto notabilissimo como execução, tem coisas primorosamente observadas.

E o estudo de interior, em que duas senhoras costuram junto a uma janella de saccada, tambem muito notavel de observação, é além d'isso de uma bonita composição; pela naturalidade das attitudes e boa execução das figuras e roupas esse quadro é um dos mais agradaveis da exposição. O sr. Mello expõe mais uma *Florista*, que é uma repetição das que expoz o anno passado e algumas paisagens da Bretanha, tambem notaveis de factura, mas de aspecto muito singular e pouco agradável.

O sr. Vaz, além de um grande numero de quadros medianos e pequenos, apresenta este anno um quadro de grandes dimensões representando o *Desembarque de peixe em Setubal*.

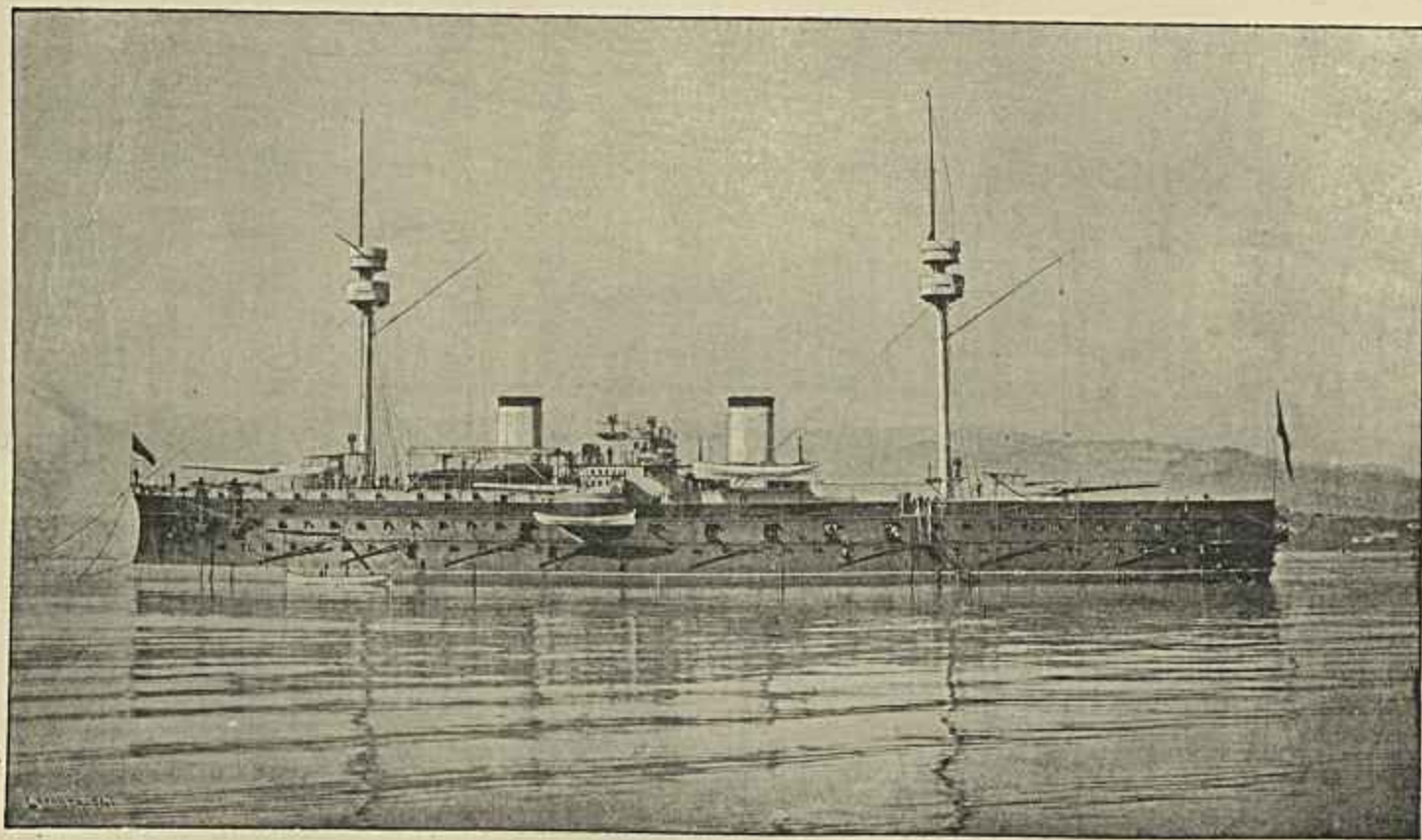
Apesar de haver n'elle as qualidades habituaes do nosso pintor do Sado, aguas de uma bella transparencia, atmosphaera luminosa, figuras bem desenhadas, esse quadro não agrada. Tem coisas de mais, muitas pessoas, muitos barcos, dispostos a troxe-moxe, sem cuidado pela composição. O artista podia dar ainda alguma serenidade áquella confusão, áquella amontoamento, se lhe tem posto por cima um céu limpido e calmo; mas não, a atmosphaera está tambem cheia de nuvensinhas: barulho em cima e barulho em baixo, barulho por toda a parte.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES DO 'GREMIO ARTISTICO'



BARCA DE PASSAGEM EM SERELEIS, (MINHO) — QUADRO DE SILVA PORTO — PREMIADO COM MEDALHA DE 1.ª CLASSE E ADQUIRIDO PELO SR. DR. REBELLO DA SILVA  
(Gravura de C. Alberto, segundo uma photographia do photographo amador sr. Ferreira das Neves)

MARINHA DE GUERRA HESPANHOLA



O COURAÇADO «PELAYO»

São-lhe muito superiores alguns dos seus quadros mais modestos em grandeza: a *Furna do inferno*, por exemplo, uma bella marinha, muito justa de tons; os *Barcos do Sado*, muito bonito e excellente de execução; a *Povoa de Varzim*, também magnifico de execução, comquanto o mar, em que alvejam veias brancas ao longe, se pareça muito com as aguas do seu predilecto Sado; e ainda *A praia (Setubal)*, *Canoa na praia* (não catalogado) e *S. Domingos (Vianna do Castello)*, todos muito bem tratados e estes dois muito bonitos.

(Continúa).

João Sincero.



## AS NOSSAS GRAVURAS

## MARINHA DE GUERRA HESPAÑHOLA.

## O COURAÇADO «PELAYO»

O couraçado *Pelayo* é o melhor e mais formoso navio de guerra da marinha hespanhola, e um dos primeiros das marinhas de guerra dos paizes armados.

Foi construido em Marselha, pela casa Forges e Chantier, sendo deitado á agua no dia 5 de agosto de 1887.

As dimensões do *Pelayo* são: comprimento 105,6 metros; largura 20,2; pontal 12,45; calado á poupa 7,55 e á proa 7,35; superficie submergida na caverna central 140; deslocamento 9,000 toneladas. Este navio completamente armado, equipado e provisionado não cõta mais de 7,55 metros, e portanto pode navegar em pouca agua ou fundo como pôde ser no Canal de Suez.

Depois d'este couraçado, já em Hespanha se tem construido novos navios de guerra que honram bastante os seus arsenaes.

## PONTE DE LIMA

CARCAVEIRA PROPRIEDADE DO EX.<sup>mo</sup> CONSELHEIRO  
JOÃO DE BARROS MIMOSO ABREU E LIMA.

Em o n.<sup>o</sup> 474 do OCCIDENTE, reproduzimos em gravura a Villa de Ponte de Lima, uma das mais formosas e pittorescas povoações que marginam o rio Lima.

São muitas as quintas que assentam n'este valle formosissimo, que se tornam notaveis pela opulencia de suas construcções, pelo gosto e escolha de sua architectura, sujeita a mil caprichos de imaginação e bom gosto, rodeadas de formosissimos jardins, largos e parques.

A primeira d'estas é, sem duvida, a do mimoso poeta, Sebastião Pereira da Cunha, na freguezia de Protosello, concelho de Vianna do Castello, e descripta por D. Antonio da Costa a pag. 178 do *Minho*, obra interessante do illustre e saudoso escriptor.

A segunda, a da ex.<sup>ma</sup> condessa d'Almada, na freguezia de Lanheses, aonde esta nobilissima familia viveu por muitos annos.

Outra estancia admiravel, é a da ex.<sup>ma</sup> condessa de Bertandos, na freguezia do mesmo nome, a 4 kilometros da villa de Ponte de Lima.

Ainda outra, o palacete do Cardido, notavel pela antiguidade de sua construcção, com quanto hoje muito alterada na reedificação, pelo general e par do reino sr. Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes. Nada ha por estes sitios que possa comparar com o conforto interno, affabilidade de trato e delicado gosto, verdadeiro fidalgo portuguez, e de sua ex.<sup>ma</sup> esposa D. Emilia da Silveira Calheiros.

Ninguém que viaje pelo Minho, deixa de visitar esta formosissima estancia, aonde a vista extensa, larga, é de um arrebatamento encantador; o horizonte que se gosa, passa de 30 kilometros, quasi até á foz do rio Lima em Vianna do Castello.

Ha ainda outra estancia ou quinta, digna de ver-se, e que fica a 3 kilometros da villa. É a da Carcaveira, freguezia de Moreira de Lima, cuja gravura damos hoje, devido á delicadeza de seu dono, o ex.<sup>mo</sup> sr. João de Barros Mimoso Abreu e Lima, do conselho de S. M. e deputado da nação portugueza.

É um palacete de ordem regular, com jardins, pomares, lagos, etc., e um golpe de vista igualmente admiravel.

Perpendicular ao edificio está o Monte de Santo Ovidio, com a sua poetica ermida da invocação do santo, d'onde o viajante, que lá sobe, fica extasiado

com a vista mais encantadora que de lá se gosa. Que saudades não trouxemos, ao deixar, no cair da tarde, aquelle formosissimo sitio!

Outro palacete digno de descrever-se, é a nobilissima casa, solar dos condes de Calheiros, na margem direita do rio Lima, e sita na freguezia do mesmo nome. Estilo romano, a sua construcção mostra antiguidade pouco vulgar, com duas torres quadradas nos angulos norte e sul, pendurada no mais alcantilado monte da freguezia de Calheiros apresenta uma vista surpreendente.

Adornada interiormente com conforto e bom gosto, junto á amabilidade dos nobilissimos titulares, que são o typo dos verdadeiros fidalgos portuguezes, quem ali for jámais esquece aquelles deliciosos sitios.

## DO TORNEIO EM PORTUGAL

## II

*Pignatelli* é o grande mestre da cavallaria italiana, senão o da de todo mundo. O marquez duque de Newcastle o da ingleza; Puvinel e Preully o da franceza; e Marialvas e Siqueiras da antiga cavallaria portugueza.

Comtudo é ainda o povo, o bom povo portuguez, o mesmo que defendeu o mestre de Aviz e venerou o infante D. Henrique, que aváro guarda as tradições nacionaes.

*Cavalhadas* se chamavam a estes exercicios equestres, *cavalhadas* lhe chama o povo, e ainda em recentes arrayaes elle corria aos pombos e fazia as escaramuças. No tempo em que a nobreza não era bicolôr, e as classes dirigentes se compunham de homens bons, os *touros* e *cavalhadas* constituíam o favorito divertimento da corte.

A nossa vista temos um dos poucos, senão o unico periodico, que não se envergonha de amar Portugal, arrostando contra todos os ridiculos com que os homens do presente seculo costumam crivar tudo que é portuguez de lei, e todos que se empenham em fechar as portas ao estrangeirismo que têm confundido e pretende deixar no esquecimento o que tanto sangue e sacrificios custou aos que hoje se pretendem ridicularisar.

N'esse considerado jornal, pelos largos conhecimentos e provado talento de seus redactores, onde existem intimas relações com alguns dos cavalleiros que teem, pela descendencia e pela pratica, absoluto conhecimento do que entre nós ha sido, em muitos seculos, a *fina flor da cavallaria* — vem a descripção da ultima festa no hippodromo de Belem.

É para notar que desde 1765 não tornou Portugal a ver *cavalhadas*, na acepção aristocratica que este nome significava.

Pelas razões expostas e porque não vamos a festa sem ser convidados, — ainda um costume que hoje já vae esquecido — reportamos-nos ao que diz a mesma auctorizada folha.

O torneio, como hoje dizem, foi planeado, ensaiado e dirigido pelo sr. D. Antonio de Siqueira. E a este cavalleiro se associou o sr. duque do Porto irmão de el-rei.

Esta festa (*sic*) seria com effeito brilhante se a nobre arte de cavallaria, que a fidalguia cultivava com esmero não tivesse cahido tanto em abandono e pudesse continuar a sel-o por quem so tardamente a conheceu.

*Ha coisas que o dinheiro não suppre, e entre ellas está a linha do verdadeiro cavalleiro.*

Cita como os que se destacaram, pela gentileza e galhardia: D. Antonio e D. José de Siqueira e José de Mello filho do sr. marquez de Sabugosa.

E, apresentando o sr. duque do Porto como um bom cavalleiro, acrescenta:

«Seria, na verdade uma festa magnifica, capaz de entusiasmar o publico, que, entre nós, pela recordação sem duvida dos antigos cavalleiros feitos, ama e se interessa pelos exercicios viris de força e dextreza.»

«O que faltou, porém, em arte, suppriu-o em grande parte a opulencia dos trajes e grandiosidade do conjunto do spectaculo.»

Começou o divertimento depois das quatro horas, estando annunciada para as trez da tarde. Entraram na arena cada um de seu lado, o sr. D. Affonso duque do Porto e o sr. D. Antonio de Siqueira que marcharam até frente da tribuna real a fim de pedirem venia para começar o cortejo. Desfilam os dois fios de cavalleiros cada um de seu lado, com as charamellas á frente, os porta estandartes e respectivos guias e fazem as cortezias da praxe. Foi o momento mais brilhante.

O primeiro exercicio foi o conhecido *carrousel*. Consiste este em enfiar com a lança a argolinha, espetar um dardo na cabeça de Meduza, dar um

tiro de pistola na cabeça de Polypheno, e, com a espada cahir a fundo sobre a cabeça do turco que jaz no solo. Estas evoluções foram regularmente executadas por todos os cavalleiros. Seguiu-se a *escaramuça de cadeia dobrada* que produziu bom effeito. Aqui terminou a primeira parte do spectaculo.

A segunda parte principiou pelo jogo das *alcantazias*, passou á corrida aos pombos, terminando com a *escaramuça de rodopio*, que agradou e foi bem executado.

A terceira parte começou pelo jogo das *cannas* que por as lanças não irem de couto não agradou completamente, cumprindo no entretanto, rigorosamente, com esta regra da cavallaria os srs. duque do Porto e D. Antonio de Siqueira; — seguiu-se o *jogo da rosa*, sahiram a campo de um lado o sr. D. Affonso, do outro o sr. D. Antonio de Siqueira e respectivo *contra-guia*. A lucta foi renhida, e apesar dos esforços empregados pelo sr. infante, não pôde este evitar o triumpho completo de D. Antonio de Siqueira que lhe arrancou a rosa que tinha no hombro. D. Affonso quiz a desforra e por fiou com denodado afan em conseguir a *Baldados* esforços! Foi aqui a verdadeira victoria de D. Antonio de Siqueira sobre o sr. duque do Porto, e onde o primeiro demonstrou os seus recursos de consumado cavalleiro.

«Dir-se-hia que os dois contendores não disputavam uma flor, mas sim uma corõa» diz sobre o cavalleresco duello, o jornal em que respigamos esta noticia.

Os senhores condes de São Martinho (Siqueiras) desde que foi exilado D. Miguel I nunca mais frequentaram a corte portugueza, e a primeira vez que um membro d'esta familia se encontra com um principe da dynastia constitucional, está apercebido para combate em um cavallo de raça, e de espada em punho!

O caprichoso acaso cria ás vezes situações bem dignas de reparo...

Como o destino se compraz por momentos em mostrar que não ha extremos, porque muitas vezes estes... tocam-se.

O jogo da rosa, foi também muito porfiado pelos srs. Antonio Costa, Ribeiro da Cunha e José de Mello vencendo este ultimo. No grupo composto pelos srs. Romero, Luiz do Rego e D. Assenso São Martinho, ficou vencedor este ultimo.

Terminou a festa com a *corrida ao estafermo* que parece não ter despertado muito interesse.

Aqui teem ao que, modernamente, se resolveu chamar *um torneio!*

Com o que temos escripto, crêmos, que ninguém pensará que desaprovamos estes divertimentos. Ao contrario, desejamos que elles se repitam, por isso que decerto levantariam o espirito nacional tam esquecido do que ainda valemos.

São dignos do maior elogio todos que tentaram reavivar as tradições patrias.

Manuel Barradas.

## LOPO VAZ DE SAMPAIO E MELLO

## VI

Até 20 de fevereiro de 1886 teve o ministerio que ficou, e que só se recompoz no fim de 1885, em Lopo Vaz o mais dedicado e affectuoso auxiliar. Cando o ministerio, e succedendo-lhe o partido progressista, Lopo Vaz tomou, como era natural, na camara dos deputados, o commando do partido regenerador. Accentuou-se mais ainda a sua influencia, quando a inesperada morte de Fontes Pereira de Mello deixou o partido regenerador sem chefe.

Pode dizer-se que foi Lopo Vaz que indicou o caminho a seguir, e a escolha do sr. Antonio de Serpa foi obra sua. Essa escolha deu em resultado lamentavel e injustificada scisão, perdendo o partido regenerador na pessoa do sr. Barjona de Freitas um dos seus mais importantes e prestigiosos caudillos.

Era comtudo impossivel evital-a, e Lopo Vaz não hesitou em promover a eleição do sr. Antonio de Serpa, como foi depois o mais certo em impedir que a scisão se ampliasse muito. Os dissidentes, que arvoraram uma bandeira nova, a da *esquerda dynastica*, só levaram comtudo um dos jornaes da imprensa regeneradora, a *Revolução de Setembro*.

A campanha contra o ministerio progressista foi memoravel, e dirigida sempre habilmente por Lopo Vaz, que soube comtudo, no meio da guerra implacavel em que tomara parte, manter a sua linha serria e moderada de estadista. Alguns dos seus discursos de opposição foram verdadeira-





## REVISTA POLITICA

*O Convenio e o Empréstimo* é o título com que se depara na primeira pagina de todos os jornaes, a encabeçar os artigos de fundo ou pequenas noticias, ha quasi um mez a esta parte, sendo tambem este título o que os olhos dos leitores procuram com mais avidéz, com a avidéz do naufrago que procura no horizonte descobrir uma vela ou um pharol que lhe dê esperança de salvar-se.

A que chegámos!

Em um anno contrahiram-se empréstimos em o nosso paiz, n'esta terra que se diz estar nos mais apertados apuros, no valor de sessenta e tres mil e duzentos contos, e esses apuros continuam, de modo que está tudo ancioso por um novo empréstimo de

temos aos jornaes a vêr quando chega a boa nova que, no dizer de alguns deve ser boa por força visto a demora que tem.

Lá isso é verdade novidade ruim corre depressa e quasi sempre é certa, razão porque, os mesmos jornaes só se tem apressado a dar noticias pouco favoraveis, se bem que acompanhando-as com comentarios de que não merecem credito e que as melhores são as que hão de vir por fim.

Nunca o telegrapho foi mais remisso, mais indolente que d'esta vez. Parece mesmo que está a judiar, a fazer criar vontade, a aguçar o apetite, de modo que quando os taes dezoito mil contos chegarem não chegam para nada, são para a cova d um dente, e fica-se a pedir mais.

Para distrahir as attentões do *Convenio* e do *Empréstimo* veio o *Canellão* de Coimbra, muito mais divertido, que deu aos estudantes da Universidade umas ferias com que elles não contavam, mas que o sr. ministro do reino entendeu por bem conceder-lhes, mandando fechar a Universidade e obrigando

Diz-se que o fundamento da representação é o governo não ter attendido no decreto ás promessas que fizera aos professores.

Entra pois em campo o professorado primario das escolas de Lisboa, que o governo parece querer reduzir a condições muito semelhantes ás do professorado das aldeias, a que bem se pôde applicar aquella phrase romantica: *o teu amor e uma cabana*.

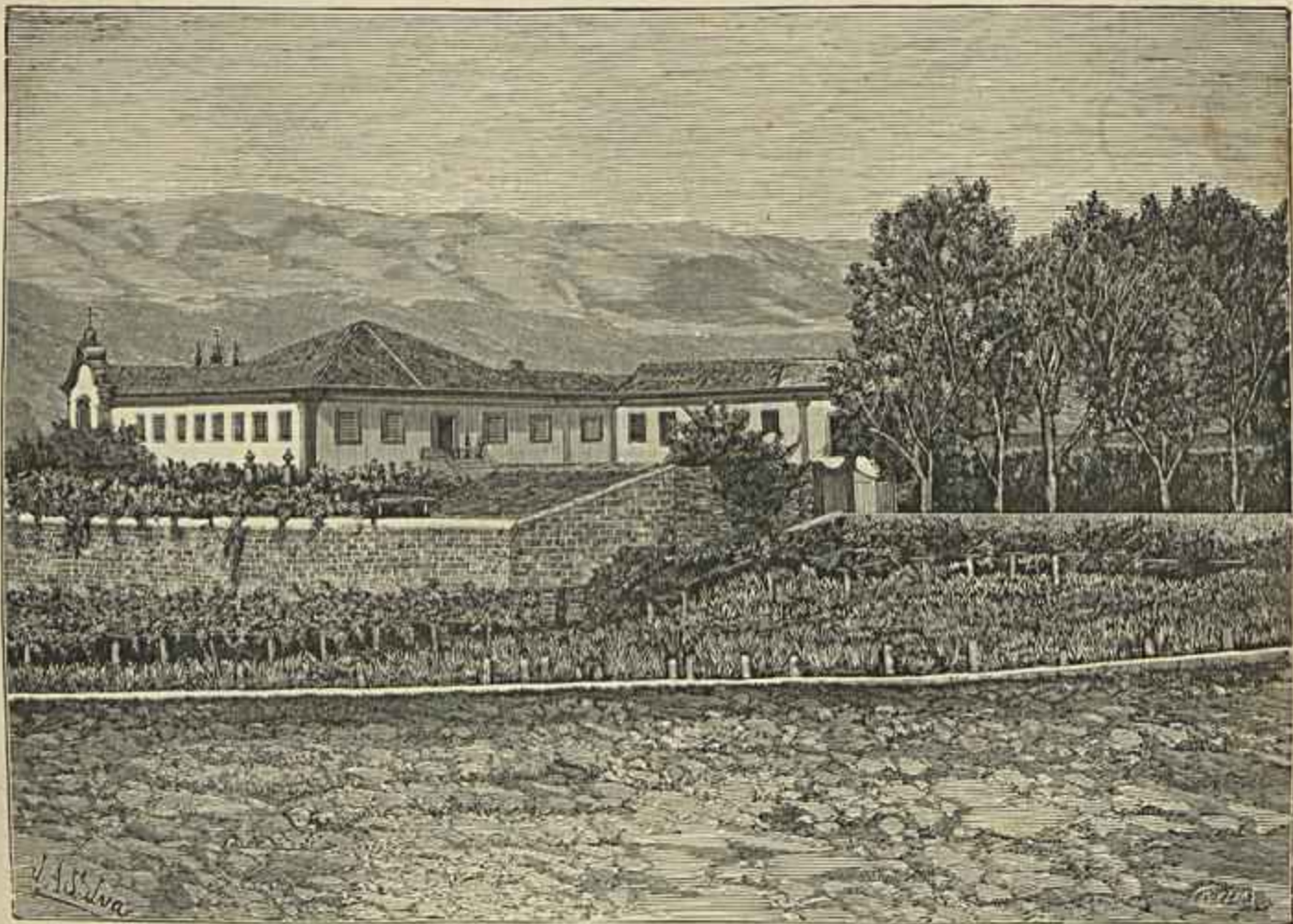
Cabana poderão alguns tel-a; amor é que não tem forças para isso.

João Verdades.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:  
*Historia de um crime. Depoimento d'uma testemunha* por Victor Hugo, versão de um emigrado



PONTE DE LIMA — CARCAVEIRA, PROPRIEDADE DO Ex.<sup>mo</sup> SR. CONSELHEIRO JOÃO DE BARROS MIMOSO ABREU E LIMA

(Segundo uma photographia)

dozoito mil contos que é o de que se está tratando agora.

A eloquencia das cifras falla mais alto que toda a eloquencia de todos os oradores afamados, que levaram o paiz a este bonito estado, apesar de todos os seus discursos, apesar de todos os seus grandes rasgos oratorios, apesar de todos os seus brilhantes talentos.

Ponhamos ponto, porque não valle tomar a serio estas questões velhas, que promettem continuar apesar da vida nova. Retomemos o nosso habitual bom humor para encerrar com o que se vae passando e deitemos tambem os olhos bem abertos para os jornaes, a ver quando nos dão a grata noticia de que *O Convenio e o Empréstimo* se realisaram effectivamente, e são um facto consumado.

Ha quem d'ahi espere a nossa felicidade, a nossa tranquillidade e socego, o ponto de partida para a nossa regeneração financeira e economica, e não seremos nós que iremos inguiçar essa esperança fagueira de esses espiritos felizes e crentes.

Pouco seria o nosso mal se o nosso bem estivesse em tão pouco, mas como a respeito de arithmetica os nossos financeiros e politicos arranjaram uma para seu uso, que mais ninguém percebe, vol-

os estudantes a darem um passeio á casa de suas familias, e estanciarem por lá até que se ponham em campo as altas influencias dos seus papás, com que todas as portas se abrem, por mais que as queira afferrolhar o sr. Dias Ferreira.

Até estamos a vêr sahir do tal *Canellão* uma crise ministerial!

Custa pouco a ser auctoridade n'esta terra, o que custa mais é a ter auctoridade, no meio da brandura dos nossos costumes, e é por causa da tal brandura que nos parece teria sido muito melhor o governo não ter ligado tão grande importancia ao caso.

Porque é que o sr. ministro do reino não procedeu para com o *Canellão* dos estudantes, do mesmo modo que procedem para com o *Canellão* da junta geral do districto de Coimbra?

Muito custa a ter auctoridade.

E enquanto esperamos pelo *Convenio e Empréstimo* e aguardamos o que sae do *Canellão*, preparemo-nos para a representação que os professores das Escolas Municipaes de Lisboa, vão dirigir ao governo por causa do decreto que o Diario publicou no dia 9, mandando passar as mesmas escolas para a administração e direcção do Governo.

politico, illustrada com magnificas gravuras. Vol. 1. Porto, Joaquim Ignacio Saraiva, editor. 1891. Victor Hugo escreveu esta obra logo em seguida ao seu exilio em 1851. E' a historia dos acontecimentos de 1848 a 1851 em França escripto pelo pulso valente do grande poeta, agora vertida em portuguez em edição esmerada.

*Tosquia de um grammatico dedicada aos filologos mirandezes, aos criticos extremenhos e aos boticarios de Palmella*, por J. Caturra Junior, etc. 2.<sup>a</sup> edição melhorada. Lisboa, 1891. Uma tosquia valente dada pelo sr. Candido de Figueiredo no sr. José Leite de Vasconcellos Pereira de Mello a proposito das *Lições practicas da linguagem portugueza* do primeiro auctor, e a que já n'este logar nos referimos.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup> — Impressores

Rua Nova do Loureiro, 25 a 41